

As propostas inovadoras da prática pedagógica nas séries iniciais do ensino fundamental

*Jussara Maria de Carvalho Guimarães**

*Lourdes Cléia Ribeiro Pacheco***

*Mônica Silva Lopes***

*Solange Rodrigues Mendes Alves***

*Sônia Aparecida Silva Gonçalves***

Resumo

Este trabalho tem como objetivo traçar os resultados obtidos da pesquisa/observação acerca das propostas inovadoras nas séries iniciais do ensino fundamental. Num primeiro momento apresentaremos as caracterizações das escolas observadas. Em seguida, focalizaremos o que foi observado, sem interferência de nenhum membro da instituição. Por último, apresentaremos as opiniões e posições defendidas pelas professoras observadas, fruto de uma entrevista estruturada.

* Pedagoga/Unimontes, especialista em Supervisão Educacional/ PUC-MG, mestra e doutoranda em Geografia - Educação Ambiental/UFU / MG, professora/Unimontes, coordenadora da Coordenadoria da Educação a Distância - CEAD e do Pólo Universitário de Educação Infantil - PUERI

** Acadêmicas do 4º período de Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

Palavras-chave: Educação. Inovação. Aprendizagem. Docência. Aluno.

1 Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar o resultado da pesquisa/observação acerca das práticas inovadoras no cotidiano docente, realizada em escolas públicas de séries iniciais do Ensino Fundamental, situadas na cidade de Montes Claros/MG, destas 03 (três) estão situadas na região periférica e uma na região central e serão aqui denominadas como A, B, C e D com o intuito de preservar suas identidades.

Para o desenvolvimento da pesquisa, tivemos como objetivos, investigar as atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula e compreender como estão sendo desempenhadas as práticas inovadoras no cotidiano escolar.

Motivadas pelos objetivos e pelo pressuposto de que as práticas inovadoras são importantes no contexto educacional, usamos de uma metodologia concisa, baseada numa abordagem quantitativa e qualitativa, na qual se procedeu a observações realizadas em sala de aula, nas quais os sujeitos observados foram quatro professores e seus respectivos alunos, durante o período de 24 de outubro a 20 de novembro de 2006, de acordo com a proposta na disciplina Prática de Formação/Articulação, ministrada pela professora ms. Jussara Maria de Carvalho Guimarães.

Para a obtenção de dados usamos um protocolo de observação em sala de aula e um roteiro síntese para a investigação das propostas inovadoras da prática pedagógica contendo questões para posteriormente se fazer uma análise e tabulação dos dados coletados. Além disso, nos embasamos teoricamente em alguns autores, com o intuito de fundamentarmos nossa pesquisa, enfatizando a real importância

das práticas inovadoras na escola. Nesse sentido, La Torre (2002:14) entende a inovação “como a melhoria colaborativa da prática docente. Falar de inovação é falar de formação de atitudes, habilidades e hábitos, conduzir estratégias, prever e superar resistências, conhecer processos, encarar conflitos, criar climas construtivos”. Com isso, podemos entender a inovação deve ser presença indispensável no processo educativo.

No presente texto, serão apresentados os resultados obtidos com a experiência de observação das atitudes das professoras nas séries iniciais do Ensino Fundamental na tentativa de promover uma educação de qualidade, e assim justificamos tal abordagem pela relevância e abrangência das práticas inovadoras na escola, por se tratarem de objeto de estudo que se encontra em processo contínuo de análises e reformulações.

2 Análise de dados da pesquisa/observação

No período compreendido entre 24 de outubro de 2006 e 20 de novembro de 2006, foi realizada uma pesquisa/observação sobre as Propostas Inovadoras da Prática Pedagógica nas escolas denominadas por nós de: A, B, C, D, em Montes Claros/MG, das quais 03 (três) estão situadas na periferia e 01 (uma) no centro da cidade, sendo que todas dão suporte às séries iniciais do Ensino Fundamental.

O sistema de ensino em todas as escolas citadas acima é organizado em ciclos e séries, sendo que em A e B funcionam os turnos matutino, vespertino e noturno; mas C e D só funcionam nos dois primeiros turnos.

Na escola A atendem-se os níveis de ensino fundamental – que conta com 13 (treze) turmas de 1ª a 4ª séries e 15 (quinze) turmas de 5ª a 8ª séries – e o nível médio, com 12 (doze) turmas, concluindo um total de 1.322 alunos.

A escola B comporta o nível fundamental, com 13 (treze) turmas de 1^a a 4^a séries, 11 (onze) turmas de 5^a a 8^a séries e 06 (seis) turmas do EJA, totalizando 936 alunos.

A escola C só possui o nível fundamental, sendo 10 (dez) turmas de 1^a a 4^a séries, e 05 (cinco) turmas de 5^a a 8^a séries, totalizando assim 333 alunos.

A escola D possui apenas o nível fundamental de 1^a a 4^a séries, com 16 (dezesesseis) turmas e 468 alunos.

Na área de recursos humanos, as escolas contam, em A, com 11 profissionais na área administrativa, 05 na equipe pedagógica e 78 no corpo docente; em B são 28 profissionais no administrativo, 02 no pedagógico e 40 no corpo docente; já em C são 12 no administrativo, 02 no pedagógico e 20 no corpo docente; e, em D são 04 no administrativo, 03 no pedagógico e 22 no corpo docente.

Com o objetivo de conhecermos melhor a estrutura escolar de A, B, C e D, fizemos algumas indagações aos membros administrativos das quais surgiram os seguintes dados:

- Possuem Colegiados – A, B, D
- Possui Grêmio Estudantil – B
- Possui Clube de Leitura – nenhuma das escolas entrevistadas
- Possui Clube de Saúde – nenhuma das escolas entrevistadas
- Possui Associação de Pais e Mestres – nenhuma das escolas entrevistadas
- Possui Projeto Político-Pedagógico – A, B, D
- Não possui Projeto Político-Pedagógico – C (usa-se o de 2004).

Os aspectos priorizados no Projeto Político-Pedagógico da escola são: a aprendizagem em A, B e D; a assistência ao aluno e incentivo ao crescimento do professor em D; pro-

gramas da rede estadual em A; e programas da rede municipal em B e C.

A formação continuada dos professores é feita através de ciclos de estudos em A, B e D; seminários de atualização em A e D; visitas e/ou excursões educativas em A; reuniões pedagógicas em D; e em C não é promovida a formação continuada de seus professores. Vale ressaltar a posição de Carbonel (2002) a respeito desse aspecto, quando ele diz que devido a formação permanente ser um direito do docente, deve-se, portanto, estabelecer tempos e oportunidades para desenvolvê-la em tempo letivo e não-letivo, mas ressalta, ainda, que o fomento pelo hábito de ler é condição necessária para tirar maior proveito da experiência e da reflexão na e a partir da prática. Sendo, portanto a autoformação insubstituível pelos cursos de formação, mas estes serão complementares àquela.

A respeito da maneira como o aluno é avaliado, usam-se notas nas escolas A e B; conceitos nas escolas A, B, C e D; observação do professor em B e D. Nesse sentido, em todas as escolas observadas é adotada a recuperação paralela, e em D, usa-se também a enturmação temporária com o intuito de promover o aprendizado com outras crianças que não tem dificuldades de aprendizagem.

A pesquisa/observação iniciou-se com o contato antecipado feito às escolas, quando foi marcada a data de início do trabalho. Assim, na data combinada, foi feita a apresentação à diretora através da carta de apresentação que a professora ms. Jussara Maria de Carvalho Guimarães colocou à nossa disposição. Logo após, fomos apresentadas à supervisora escolar, depois à professora e posteriormente aos alunos. Cada aluna permaneceu por uma semana observando a mesma turma e a mesma professora, sendo que, nos intervalos das aulas, aplicamos aos poucos o instrumento de pesquisa à direção da escola (do qual já citamos anteriormente) a professora, a que daremos ênfase posteriormente.

No trabalho de observação, pôde-se perceber que a organização das salas de aulas se faz com carteiras dispostas em fileiras, possuem armários para guardar o material didático, quadro-negro e o número de carteiras são condizentes com o número de alunos, mas estas estão em bom estado de conservação só em *D*, pois nas outras escolas estão muito velhas e quebradas.

Em todas as escolas, observou-se um grande número de alunos por sala de aula, sendo que em *B* e *C* o número é menor, comportando na primeira 26 (vinte e seis) alunos e na segunda 24 (vinte e quatro) alunos; já em *A* e *D* os números são 35 (trinta e cinco) e 32 (trinta e dois) respectivamente, o que favorece a dispersão e a dificuldade da professora em atender a todos em suas necessidades.

No cotidiano da classe, os alunos geralmente discutem assuntos mais freqüentes em sua realidade comunitária, tais como novelas, festas, acontecimentos familiares ou alguma coisa da mídia. A professora da escola *B* aproveita os assuntos trazidos pelos alunos para iniciar uma discussão em classe ou exemplificar um conteúdo. Já a professora de *D* estabelece diálogo com seus alunos a respeito das experiências familiares deles. E as professoras de *A* e *C* não estabelecem um diálogo fora do currículo escolar. De acordo com Carbonel (2002), o mais importante é deixar os educandos se expressarem livremente, e não importa o que digam, mas como são ouvidos, pois esta é uma maneira de se realizarem.

A respeito da postura na sala de aula, as professoras das escolas *A*, *B*, *C* e *D* são disciplinadoras, repassam informações, algumas são motivadoras e carinhosas, ao passarem os conteúdos, exemplificam situações didáticas, fazendo comparações entre o assunto estudado e alguma situação do cotidiano; mas somente na escola *D* são estabelecidas normas para a convivência grupal, pois nas outras escolas

não foi observado nenhum tipo de incentivo para o convívio em grupo. Apesar disso, em todas as escolas são impostos critérios para o dia-a-dia da classe, como por exemplo: alunos só saem para o recreio ou para ir embora se desempenharem as atividades propostas. Nesse sentido, Pilleti (1986, p. 115) defende que “o trabalho em grupo oferece ao aluno a oportunidade de estabelecer troca de idéias e opiniões, desenvolvendo as habilidades necessárias à prática da convivência com as pessoas”, sendo imprescindível para a formação de suas capacidades críticas.

Ao expor o conteúdo, as professoras procuram discutir com os alunos situações presenciadas por eles, relacionado-as com a matéria curricular. E, para ministrar as aulas, as professoras de *A*, *B*, *C* e *D* utilizam materiais mimeografados, fotocopiados, quadro-negro, giz e cartazes; além disso, na turma *B* usam-se, ainda, músicas e livros.

Após a explicação de uma matéria, todos os professores observados esclarecem as dúvidas, fazem orientações individuais de acordo com a necessidade de cada aluno, propõem situações, problemas e desafios com o intuito de levá-los a buscar suas próprias respostas e soluções. E, nas atividades propostas, as professoras de *A*, *B* e *C* supervisionam seus alunos individualmente e depois as corrigem no quadro com a ajuda de todos; e ainda em *B*, a professora forma dupla de alunos mais adiantados com os que têm mais dificuldades para uma ajuda mútua. Em *D*, a professora corrige as atividades apenas no quadro.

Durante o período não se percebeu propostas de trabalhos em grupo; e em *A*, *C* e *D* não houve estímulos para debates de assuntos, nem para defenderem seus pontos de vista, sendo, portanto, meros executores do que lhes é exposto e, somente às vezes participam de algumas decisões, pois a maioria não possui autonomia e cultivam um medo da professora que é extremamente autoritária; em *C*, isso aconte-

ce pelo fato de serem muito pequenos e concordarem com tudo que diz a professora. Já em B, os alunos debatem assuntos da mídia e do cotidiano, não são meros executores, pois estão sempre questionando as atitudes da professora, propõem novas idéias que, se não forem muito radicais, são aceitas e validas. Com isso, o debate ainda não faz parte da maioria das escolas, mas Carbonel (2002) acredita que este não deve estar presente no cotidiano escolar somente quando há tensões e divergências, deve fazer parte dele em todos os momentos.

Na sala de aula, as crianças das escolas A e D se agrupam por afinidade; em B, por gênero e há um com Síndrome de Down que não é aceito pelos demais e poucas vezes trocam algumas palavras. Na escola C, os alunos se agrupam por gênero, sendo que os tímidos não se agrupam e há um grupo maior e mais autônomo que domina os outros.

Em todas as escolas observadas, alguns alunos fazem suas atividades sozinhos, outros precisam do auxílio da professora. Na escola B, o aluno com Síndrome de Down faz exercícios diferentes dos demais colegas, pois ele ainda não conseguiu aprender a ler e escrever, uma vez que a maioria das vezes, só repete o que a professora escreveu. Isso talvez pela falta de tempo que a professora tem para dedicar a ele, pois são vinte e seis crianças e esta aqui mencionada possui um desenvolvimento mais lento e merece atenção especial. Assim, pode-se perceber que houve uma tentativa de inclusão, mas, por falta de assistência, a criança acaba sendo ainda mais excluída do que se tivesse em uma escola especial. Vale ressaltar a fala de alguns coleguinhas que, para justificarem sua rejeição, dizem: *"Ele é doente, tia!"*

No que diz respeito à participação dos alunos nas aulas, em A, os alunos participam só executando as atividades propostas; em B, fazem leituras circulares ou em coro, questionam a matéria exposta e a relacionam com alguma ex-

periência tida, fazem as atividades e ajudam a professora a corrigi-las no quadro; em C, alguns dão opinião ou querem demonstrar que sabem mais que os outros; já em D, participam através de questionamentos.

Em relação à ordem e hábitos nos trabalhos em grupo, em nenhuma escola observada esse aspecto foi presenciado. Além dessas questões, cabe salientar que os alunos da escola B são classificados pela aprendizagem, usando-se cores para determinar as salas e a maioria dos estudantes, segundo a professora, está abaixo do nível de 3ª série, sendo, neste nível, a mais fraca da escola.

O processo educativo, apesar de passar por muitos caminhos diferentes, acaba se encontrando na avaliação da aprendizagem. Para Piletti (1986, p.190):

A avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Nesse aspecto, pode-se perceber a presença de atividades avaliativas em A, B, C e D. Os tipos de avaliação presenciados em A e C foram tarefas e exercícios; em B, houve teste de aprendizagem escrito, exercício de fixação, avaliação de desempenho e leitura; em D, foi aplicada atividade avaliativa de português e matemática. Os instrumentos utilizados para as avaliações foram correções das atividades em A e C; já em B, usou-se prova mimeografada, interpretação oral e escrita dos textos, exercícios passados no quadro pela professora, tarefas, leitura oral (circular e em coro); e em D, foi utilizado apenas o quadro-negro e giz para a correção das atividades. Além disso, para avaliar, os professores usam critérios e abordagens baseadas em conceitos e anotações

na caderneta nas turmas A e D; já na turma de B, a professora considera o empenho dos alunos, a quantidade de erros e acertos, a participação e o comportamento; e em C, não há um critério além da correção oral e escrita dos exercícios. Com isso, a reação dos alunos perante tais critérios nas turmas de A e D é de apreensão, pois é só a professora falar que vai pegar a caderneta, para todos ficarem bem quietinhos; porém em B, os alunos não se importam muito com a pressão da professora, sendo que alguns fazem as atividades com prazer, outros não demonstram o mínimo de interesse; em C, durante a correção das atividades, uns alunos desafiam os outros no sentido de quem se sai melhor nas respostas; e em D os alunos correspondem às atividades propostas. Assim, a reação da professora de B, perante estes acontecimentos em sua classe, é de tentar sanar todas as dúvidas que surgem e, se não sabe algo perguntado pelos alunos, ela diz que vai procurar saber e os responde na próxima aula. Já nas turmas de A, C e D, não se percebeu nenhum tipo de reação diferenciada. E, em todas as classes o procedimento de avaliação observado foi o individual. Contudo, além das atividades expostas em todas as turmas, foi perguntado pela professora de B como ela avaliava o aluno com Síndrome de Down já que ele tinha um nível de aprendizagem inferior aos demais colegas. Assim, ela respondeu que o avalia de acordo com as atividades de alfabetização inicial que ela escreve diretamente no caderno dele e considera o seu comportamento, mas não pode fazer muita coisa, pois ele precisa de atenção especial e ela não consegue atender a todas as outras crianças e ficar sempre o auxiliando. E ainda que, devido o sistema de ciclos, ela é obrigada a ir "empurrando-o" e mantendo-o junto com os outros já alfabetizados. Esse fato é de difícil discussão, pois é um fato novo, com alguns aspectos pouco debatidos. Mas La Torre (2002) vê o professor como responsável pela mudança e, sendo comprometido ética e profissionalmente, poderá desenvolvê-la com garantias de êxito.

Para sabermos a freqüência do acontecimento de algumas ações desempenhadas em sala de aula, utilizamos um questionário com alguns assuntos e quatro respostas que poderiam ser escolhidas de acordo com a freqüência das atividades: às vezes, sempre, nunca e não observado. Nesse sentido, ao iniciar e desenvolver uma aula, os professores das escolas *A* e *D* às vezes explicitam os objetivos do estudo, enquanto que nas escolas *B* e *C* não foi observado nada a esse respeito: sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito dos conteúdos, os professores de *A* e *C* às vezes se informam, já em *B* sempre se informa e em *D* não foi observado.

Todos os professores observados são assíduos, pontuais, incentivam a participação dos alunos nas aulas, comunicam-se com clareza e fluência, demonstram segurança quanto ao conteúdo e usam linguagem adequada e correta. Mas no sentido de promover atividades de pesquisa, em *B* isso ocorre às vezes, em *A* ocorre sempre e em *C* e *D* não foi observado.

O conteúdo escolar é contextualizado historicamente e relacionado com situações do cotidiano às vezes em *C* e *D* e sempre em *A* e *B*. Além desse aspecto, nas escolas *A*, *B* e *C* às vezes são estabelecidas relações do conteúdo estudado com outras áreas do saber e isto não foi observado em *D*.

Na escola *C* sempre é apresentado o roteiro das aulas, mas em *A* e *B* somente às vezes isso acontece e em *D* não foi presenciado nada a esse respeito. Nas escolas *B* e *C* sempre é dada ao aluno a oportunidade de reelaborar seus próprios saberes, em *D* isso acontece às vezes e em *A* não foi observado.

Além da observação individual das acadêmicas, houve também um momento de entrevista aos professores, em que foram discutidos com eles assuntos referentes ao termo "inovação" e assim registrou-se através da escrita, as falas e opiniões dos entrevistados.

Na investigação das propostas inovadoras da prática pedagógica, estabelecida através de entrevistas dirigidas aos professores das turmas observadas, somente as professoras de A, B e D colaboraram com a entrevista e responderam as questões propostas, a professora de C justificou da seguinte maneira a sua não participação:

Ao iniciar o ano letivo elaborei um projeto de inovação, mas não foi possível executá-lo devido não poder contar com a participação e apoio dos pais e funcionários da própria escola, que eram parte importante do mesmo. E durante as aulas é impossível inovar porque não conto com material e nem tenho meios disponíveis.

Então, com o diálogo estabelecido com as outras três professoras, pôde-se perceber a maneira como as inovações são vistas no dia-a-dia em suas salas de aula. Nesse sentido, se tivesse que situar a inovação, tanto na teoria quanto na prática, a professora de A disse que se trata de um trabalho desenvolvido através de projetos e estratégias diferentes e inovadoras, buscando uma eficiente aprendizagem. Já a professora de B enfatizou que a inovação é eficiente se usada de maneira correta e que o mais importante deve ser a aprendizagem, mas não comentou sobre o que é realmente a inovação para ela. E a professora D, expôs que inovação é a mudança da prática pedagógica e seu modo de ver os problemas sociais existentes. Porém, para Hernández (2002, p. 29),

nas escolas sob a denominação de inovação, incluem-se não só mudanças curriculares, mas também a introdução de novos processos de ensino e a aprendizagem de produtos, materiais, idéias e, inclusive, pessoas. Isto gera a necessidade uma definição que destaque também o processo e a intenção da inovação.

Quanto aos objetivos da inovação, todas as professoras concordaram que estes devem estar direcionados no sentido

de prender a atenção dos alunos, favorecendo uma melhor aprendizagem e que os envolvidos diretamente neste processo são os professores e os alunos, que mantêm um grau de envolvimento muito bom em algo inovador. Assim também pensa Piletti (1986, p. 33), pois assegura que

é muito importante que o professor saiba motivar os seus alunos. Através de uma variedade de recursos, métodos e procedimentos, o professor pode criar uma situação favorável à aprendizagem.

Quando questionadas sobre o registro/memória dos trabalhos desenvolvidos, as professoras de *A* e *B* não souberam responder. Já a professora de *D*, disse que utiliza portfólio e anotações na caderneta. Para a operacionalização das atividades inovadoras, as professoras de *A* e *D* utilizam instrumentos diversificados em oficinas interdisciplinares. Já a professora de *B* utiliza dramatizações, conto de histórias, cantinhos de leitura, exposições de vídeo e jogos. No entanto, todas reclamaram de algum tipo de dificuldade, como falta de compromisso e pouco interesse de alguns alunos, escassez de recursos e ausência de participação da família. Mas, apesar disso, defenderam que a inovação leva os alunos a aprenderem melhor.

Devido o grande predomínio da escola tradicionalista/reprodutivista, há falta de interesse dos alunos em relação às aulas, pois com o passar do tempo a demanda por uma educação de qualidade é sempre maior. Sobre esse aspecto, os professores sentiram a necessidade de inovar sua prática docente, estimulando os alunos a terem maior satisfação pelas aulas.

Geralmente, quando as escolas desenvolvem projetos inovadores, procuram englobar todas as turmas ou, pelo menos, turmas de mesma série ou nível de aprendizagem. Para todas as professoras entrevistadas, a inovação trouxe só melhoria para as escolas, como, por exemplo, maior gosto

pela leitura e melhoria na aprendizagem. Porém, quando perguntadas se, ao inovar, começaram a ensinar de maneira diferente, a professora de *A* não soube responder; a professora de *B* disse que ensina da mesma forma, só que o foco é que muda; e a professora de *D* expôs que ensina de maneira diferente quando assume uma nova postura diante das diversidades. Mas todas concordaram que inovar favorece a comunicação entre os diferentes segmentos da escola, desde que estejam todos voltados para os objetivos centrais do projeto.

Na inovação, a administração das escolas *A*, *B* e *D* realiza intervenções auxiliando com materiais necessários (dentro do possível) e procuram dar o apoio que os professores precisam. Sobre as mudanças de posturas pedagógicas nos colegas de trabalho, a professora de *B* não percebeu diferença; já as professoras de *A* e *D* perceberam uma maior motivação entre eles. Nesse sentido, Carbonel (2002) ressalta que a sensibilização das administrações quanto ao reconhecimento e apoio das experiências de base é muito importante e, mais do que isso, que criam um clima favorável para a liberdade de ação docente e para a renovação pedagógica.

Após a atividade inovadora, o processo de avaliação utilizado por todas as entrevistadas é baseado em questionamentos orais, escritos e problematizações; em *B* usa-se, ainda, dramatização. Piletti (1986, p. 154) reforça que "ao selecionar um recurso de ensino deve-se ter em vista os objetivos a serem alcançados".

Finalizando a entrevista, foi solicitado às professoras que fizessem um comentário direcionado a outros colegas que os levasse a inovar a sua prática pedagógica. A professora

de A expôs:

Inovem a sua prática, pois a satisfação acontecerá quando virem o resultado do trabalho desenvolvido". A professora de B enfatizou que: "Inovar é sempre louvável, mas não perca o foco, nem o seu objetivo principal. Em minha opinião, o que vale é a aprendizagem do aluno e se ele aprende melhor da forma tradicional, é ela que deve ser usada. Já a professora D aconselha: Enfrentem as dificuldades encontradas sem medo de arriscar. Pensamento positivo e trabalho coletivo ajudam a melhorar nossa prática cotidiana na docência.

3 Considerações finais

Neste estudo realizado com quatro escolas das séries iniciais do Ensino Fundamental, pôde-se perceber que todas apresentam caráter tradicionalista em alguns aspectos tais como a disposição das carteiras em filas, o freqüente uso do quadro-negro, o predomínio da fala do professor, enfim, a metodologia predominante é baseada em rituais e reflexos de ideologias culturais e sociais que influenciam diretamente o currículo escolar.

A inovação no âmbito escolar ainda é tímida, pouco utilizada, pois além da falta de apoio governamental com recursos, os professores enfrentam muitos outros entraves. E, além disso, o sentido da palavra inovação não é bem esclarecido, pois a maioria das professoras acha que só inovam quando montam um projeto grande, com muitos envolvidos, não consideram tudo o que fazem de diferente na sala de aula que, por mínimo que seja, já é uma novidade para o aluno. É nesse sentido que Hernández (2000, p.21) diz que a inovação é como "a busca de mudanças que, de forma consciente e direta, tem como objetivo a melhoria do sistema educativo". E completa que, a inovação "não é apenas algo novo, mas algo que se melhora e que permite mostrar os resultados de tal melhora".

Falta investimento na formação continuada dos professores e estes precisam ter um maior contato com seus alu-

nos, procurando saber de que eles estão precisando mais no sentido de sentir prazer em estar na escola. Pode-se perceber, também, que em alguns momentos, as professoras ficam confusas com as perguntas que lhes são feitas e se contradizem em alguns momentos; talvez seja porque não entenderam o que foi proposto ou porque querem demonstrar algo que não são.

Investigar no sentido de fazer novas descobertas é o que motiva o ser humano a ter esperanças de um futuro melhor e sem desigualdades sociais. E a inovação da prática escolar está diretamente ligada a isso, pois ela permite que o aluno ao invés de absorver seus conhecimentos para si, tenha a capacidade de confrontá-los com experiências do dia-a-dia e de desenvolver seu potencial crítico. Mas para isso, inicialmente, é necessária a inovação interior do professor, para que ele perceba que pode ser cada dia melhor e que o futuro de seus alunos está, em grande parte, sob sua responsabilidade, só depois conseguirá conduzi-los ao conhecimento, à cidadania, enfim, ao sucesso escolar e conseqüentemente, ao sucesso pessoal. No entanto, devemos ter sempre em mente que "educação não se confunde com escolarização, pois a escola não é o único lugar onde a educação acontece" (PILETTI, 1986, p.16).

Referências

CARBONEL, Jaume. *A Aventura de Inovar. A mudança na Escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando *et al.* *Aprendendo com as inovações nas escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LA TORRE, Saturnino de; BARRIOS, Oscar. *Curso de Formação para Educadores*. São Paulo: Madras, 2002.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. São Paulo: Ática, 1986.